o verde-oliva



Centro de Relações Públicas do Exército

Brasília
1975 Nº 11



CAXIAS E O EXÉRCITO

Ao comemorarmos o **Dia do Soldado,** consagrado ao culto das tradições e feitos do **Exército Brasileiro,** somos levados a meditar também sobre a atuação do **Duque de Caxias** no cenário nacional. O Patrono e a Instituição, o Homem e a Corporação, que o elegeu como seu guia espiritual, estão perfeitamente identificados com o povo brasileiro, que lhes presta merecidas homenagens na sua data maior. Não há como distingui-los, senão compreendê-los e exaltá-los juntos, tão irmanados se encontram os seus destinos e as suas realizações em prol do Brasil.

A esplêndida atuação de CAXIAS, quer como militar ou político, é hoje de domínio público, através do julgamento sereno da História. Todos os brasileiros sabem quanto lhe devem pelo seu brilhante desempenho, na consolidação da Independência, na manutenção da soberania e integridade nacionais e na solução dos graves problemas políticos que abalaram o Império.

Sabemos que a liderança inconteste exercida por CAXIAS, nos meios civil e militar, foi fruto de sua marcante personalidade, ornada dos mais nobres atributos. Dentre as suas inúmeras qualidades de cidadão e de soldado, destacamos a retidão de caráter, o espírito cristão e humanitário, a lealdade e a disciplina, a exação no cumprimento do dever, a visão de estadista voltada para o futuro e, acima de tudo, **um profundo amor ao Brasil e a defesa intransigente do interesse nacional.**

O vulto luminar de CAXIAS reúne aspectos aparentemente contraditórios, de difícil compreensão para os analistas superficiais ou preconceituosos mas **facilmente percebidos pelos que apreendem a diretriz maior de sua palpitante existência**. À primeira vista, não parecem conciliáveis e harmônicas as imagens do maior dos nossos soldados com o Pacificador, do guerreiro invicto com o magnânimo para com os vencidos, do político do Partido Conservador com o político liberal no pensamento e na ação, do católico-maçon com o homem que pôs fim à Questão Religiosa. Observada a participação de CAXIAS, contudo, sob o prisma da prevalência do interesse nacional sobre quaisquer outros, verificamos que existe uma perfeita e cristalina coerência em todos os atos de sua vida.

O **Exército Brasileiro,** ao escolher CAXIAS para seu Patrono, avaliou as suas singulares virtudes de Cidadão e de Soldado, o sentido eminentemente brasílico de sua existência e a sua perfeita identificação com a instituição. A dedicação exclusiva ao serviço da Pátria, o sentimento de honra, o respeito aos valores espirituais e morais, a preocupação com os grandes problemas brasileiros, a responsabilidade para com a Nação e a manutenção da soberania e integridade nacionais foram lições aprendidas por Caxias no próprio Exército e que se perpetuam através das gerações, enriquecidas com a contribuição dada pelo insigne cidadão-soldado.

Reverenciar a memória de **Caxias,** na Semana do Exército, é homenagear a Instituição que o adotou como Patrono. Exaltar o Exército, no Dia do Soldado, é cultuar o vulto de Caxias. **Compreender o sentido patriótico da atuação de Caxias é compreender o Exército Brasileiro.**

Medalhas do Exército



Medalhas da II Guerra Mundial

A **Cruz de Combate de 1.ª Classe** (N.º 1) destina-se aos militares que praticaram atos de bravura ou revelaram espírito de sacrifício no desempenho de missões de combate. Foi também conferida às Unidades que se destacaram na luta no front europeu.

A **Cruz de Combate de 2.ª Classe** (N.º 2) foi outorgada aos participantes de feitos extraordinários, praticados em conjunto por vários militares.

A **Medalha Sangue do Brasil** (N.º 3) foi concedida aos militares, assemelhados e civis, destacados para o teatro de operações, e que aí hajam sido feridos em conseqüência de ação objetiva do inimigo.

A **Medalha de Campanha** (N.º 4) foi conferida aos militares e assemelhados, que participaram de operações de guerra, sem nota desabonadora.

A **Medalha de Guerra** (N.º 5) premiou os militares e civis, que tenham prestado serviços relevantes de qualquer natureza, referentes ao esforço de guerra, preparo da tropa, ou desempenhado missões especiais confiadas pelo Governo, dentro ou fora do País.

Reconhecimento a Serviços Prestados

A **Ordem do Mérito Militar** (N.º 6) foi instituída em 1934 e as suas insígnias foram inspiradas na tradicional Cruz de Aviz. A Ordem possui cinco graus: Cavaleiro, Oficial, Comendador, Grande Oficial e Grã-Cruz.



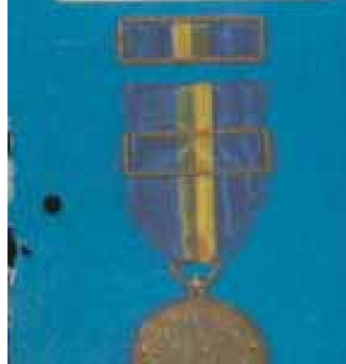
MEDALHA DE CAMPANHA



MEDALHA DO PACIFICADOR (BRONZE)



MEDALHA MARECHAL HERMES (BRONZE SEM COROA)



A **Ordem do Mérito Militar** é outorgada nas seguintes condições: a) Aos militares do Exército que tenham prestado notáveis serviços ao País ou se hajam distinguido no exercício de sua profissão; b) Aos militares de Forças terrestres estrangeiras, que se tenham tornado credores de homenagem da Nação Brasileira; c) Aos cidadãos nacionais e estrangeiros, que hajam prestado relevantes serviços ao Exército; d) Às Corporações Militares ou às suas Bandeiras ou Estandartes, tanto nacionais como estrangeiras, pela prática de ações que credenciem ao reconhecimento da Nação Brasileira.

A **Medalha do Pacificador** (N.º 7) é conferida nas seguintes situações: a) Aos militares da ativa do Exército que, por sua atitude, dedicação e capacidade profissional, tenham contribuído para elevar o prestígio do Exército junto às Forças Armadas de outros países e desenvolver relações de amizade e compreensão entre o Exército Brasileiro e de outras nações; b) Aos civis e militares estrangeiros que tenham prestado assinalados serviços no que diz respeito à consolidação e desenvolvimento das relações e vínculos de amizade entre os Exércitos do Brasil e de seu País; c) Aos militares de outras Forças Armadas do Brasil, às instituições e aos civis brasileiros que, por serviços prestados, se tenham tornado credores da homenagem especial do Exército.

Aplicação aos Estudos e à Instrução Militar

A **Medalha Marechal Hermes — Aplicação e Estudo** (N.º 10) foi instituída, em 1955, com a finalidade de premiar os alunos classificados em 1.º lugar nos Cursos de Formação, Aperfeiçoamento, Altos Estudos Militares e Concursos para o Magistério do Exército.

A **Medalha de Bronze, sem coroa,** é conferida às praças que concluam os Cursos de Formação ou de Aperfeiçoamento nas condições acima citadas. A **Medalha de Bronze, com uma coroa,** para os oficiais que concluírem os Cursos de Formação em 1.º lugar de sua turma. A **Medalha de Prata,** com coroa, é outorgada aos oficiais que concluírem os Cursos de Aperfeiçoamento (EsAO), Graduação (IME) ou professores adjuntos de catedráticos, classificados em 1.º lugar de sua turma. A **Medalha de Prata Dourada** é concedida aos oficiais que concluam o Curso da ECEME ou concurso para Professor Catedrático efetivo do Magistério do Exército em 1.º lugar.

O militar que, tendo recebido uma Medalha Marechal Hermes, vier a fazer jus a outra categoria mais elevada, somente poderá usar a última recebida. Exemplos: 1.º lugar na AMAN e EsAO recebe a medalha de Prata com duas coroas; 1.º lugar na AMAN, EsAO (ou IME) e ECEME recebe a Medalha de Prata Dourada com três coroas, que é o número máximo de coroas permitido.

A **Medalha Caxias** (N.º 11) é concedida, pela Academia Militar de Agulhas Negras (AMAN), ao Aspirante a Oficial que obtiver o maior grau de aptidão para o oficialato, entre os classificados em 1.º lugar nos diferentes Cursos da AMAN.

A **Medalha — Prêmio Correia Lima** (N.º 12) é outorgada ao aluno dos CPOR que, ao concluir o Curso, obtenha nota final igual ou superior a 8 (oito), não tenha qualquer nota inferior a 6 (seis) e não tenha sofrido qualquer punição durante a sua passagem pelo CPOR.

A **Medalha Marechal Mallet** (N.º 13) é conferida ao campeão de pontaria, de cada ano, que se distinguiu no campeonato realizado entre os apontadores nos Grupos de Artilharia.

A **Medalha do Pacificador com Palma** (N.º 8) foi criada em 1962, como uma nova honraria acrescida à Medalha do Pacificador, destinando-se a premiar os militares brasileiros que, em tempo de paz, no cumprimento do dever, se hajam distinguido por atos pessoais de abnegação, coragem e bravura, com risco de vida comprovado.

A **Medalha Marechal Trompowski** (N.º 9) é outorgada a membros do magistério e às instituições ou personalidades que prestarem ou venham a prestar relevantes serviços ao Magistério do Exército.



MEDALHA SANGUE DO BRASIL



MEDALHA DO PACIFICADOR (COM PALMA)



MEDALHA DE GUERRA



Ordem





do dia

Soldado brasileiro:

Assim como se aquece a alma do soldado recruta, ao som das fanfarras e na visão dos belos estandartes em desfile, também se ilumina e se renova o espírito dos chefes mais experimentados, ao viverem, uma vez mais, as alegrias puras da celebração do aniversário de Caxias, o dia consagrado a todos nós.

A claridade destas festas de paz mitiga e recompensa o silencioso suor das tarefas do adestramento de todos os dias, do mesmo modo que a sensação do cumprimento do dever premia, na luta, o combatente. Quero dizer-te, soldado brasileiro, que esta emoção — somente dada aos fortes e privilégio dos homens verdadeiros — vem de longe, porque herdada dos velhos soldados, que construíram, de espírito, nosso quartel de tijolo.

Tua emoção vem de longe, porque nasceu com os primeiros soldados, nas emboscadas e nos arraiais de Pernambuco, lutando contra o invasor, e cresceu, como o próprio Exército, do entrelaçamento de heróis e de raças nos albores da nacionalidade.

Ela dominou Caxias, na ponte de Itororó, e foi sentida por Sampaio, mortalmente ferido. Estava no frêmito da bravura de Osório, no ribombar dos canhões de Mallet e na tenacidade de Cabrita. Assumiu o aspecto missionário em Rondon, esse herói inigualável da paz, que teceu, na solidão das distâncias, o fio da comunicação entre os homens.

Sentiram-na, também, Severiano da Fonseca, Muniz de Aragão, Bittencourt e Napion, que, como tantos outros, demonstraram, na guerra e na paz, que a espada é missão e é serviço.

As clarinadas que hoje incendeiam nossa alma de soldado, nutriram a inspiração desses homens notáveis do Exército Brasileiro, artífices da Abolição e da República, e que, em sucessivas etapas de nossa evolução, levando adiante os ideais revolucionários ou desfraldando as bandeiras da fraternidade — ao lado de marinheiros e aviadores — muito deram de si pela construção de nação verdadeiramente soberana, cujos alicerces são a ordem e o trabalho, a democracia como forma de vida e de organização institucional, a liberdade e a justiça.

Benjamin Constant e Deodoro; Floriano e Hermes; Dutra, Mascarenhas e Canrobert; Castelo Branco, Costa e Silva e o símbolo do nosso idealismo revolucionário — que a nação acaba de perder no desaparecimento de Juarez Távora — foram oportunos e atuantes, desassombrados e enérgicos, patriotas e inteligentes, atentos aos objetivos fundamentais da nacionalidade brasileira, homens com perspectiva da História, guardiães dos valores a preservar, e com sensibilidade e clarividência para entender os sinais dos tempos e os caminhos da mudança.

Tua emoção é a mesma, tantas vezes sentida por outros extraordinários soldados, que mais se afirmaram na cultura e no pensamento marcantemente militares, e a quem, por isso mesmo, tanto devemos, porque nossas organizações estão impregnadas de suas presenças. Entre os que já se foram, serão sempre lembrados por suas realizações: Cantuária e Caetano de Faria, Trompowsky e Tasso Fragoso, J. B. Magalhães e Correia Lima, José Pessoa, Leitão de Carvalho e Fiuza, Paiva Chaves e Castelo Branco, este, outra vez, porque nele não se sabe o que mais admirar, se o soldado ou o estadista.

O alvoroço de tua alma jovem ao romper do dobrado da banda, sentem-no, ainda mais intensamente, aqueles que viveram a vida toda soldados e cujo tempo findou. Eles acompanham à distância o Exército de agora, e estarão certamente ao nosso lado, se preciso for. São os que vieram antes de nós, nossos mestres e nossos chefes, nosso exemplo, nossa permanente inspiração.

Diz-me o coração de velho soldado que a emoção maior dos que já se retiraram, mas que ainda servem à nação, apenas com sua reflexão, sua vigilância ou seu conselho, ou mesmo em outros setores de administração pública ou empresarial, é ver o Exército marchando para ser cada vez mais brasileiro, na sua carne e no seu espírito, no seu material bélico e em sua doutrina; é vê-lo corresponder à confiança do povo, garantindo-lhe a paz que concede; é vê-lo voltado, por inteiro, para a sua atividade-fim, para o aumento de sua capacidade operacional e logística.

Murmura-me, ainda, a experiência, que os teus chefes confiam em ti, soldado brasileiro de agora, em teu espírito de missão, em tua disciplina, tua inteligência, tua vocação de serviço e em tua fé.

Soldado brasileiro!

O velho soldado, a quem a confiança de um grande soldado deu a honra de conduzir os destinos do Exército neste tempo do 4.º Governo da Revolução, e que procura corresponder ao horizonte da chefia com todas as energias de sua dignidade profissional, vem dizer-te que o Exército, a que servimos e amamos, é o patrimônio moral e cultural construído pelos que vieram antes de nós, e que nos cabe passar adiante, engrandecido, pela solidariedade das gerações.

Com os olhos no futuro e a fé em Deus, lembro a todos, neste Dia do Soldado, o dever de prosseguirem cada vez mais empenhados nas tarefas de seu adestramento e de seu aperfeiçoamento, porque é pela cultura que os homens se fazem maiores para melhor cumprir suas missões, e o poder do Exército vale mais pela capacidade de seus homens do que pela potência de seus canhões.

E recomendo ao soldado brasileiro, com vistas ao que faz agora e às suas responsabilidades no futuro, manter o propósito de preservar no trabalho silencioso e abnegado — com vontade, coragem e energia — servir com lealdade, amar a justiça, a lei e a ordem, abrir o coração à concórdia e à esperança, e valorizar cada instante da vida que passa com uma semente da grandeza do amanhã.

A AÇÃO PIONEIRA DE CAXIAS



Antecipando-se à arte militar de seu tempo, o Patrono do Exército empregou processos de combate originais e eficazes, consagrados hoje pela doutrina militar moderna

A análise da situação militar do **Duque de Caxias** demonstra que ele foi um precursor na adoção de várias táticas e formas atuais de luta. A sua visão de Chefe esclarecido e de estadista e uma singular capacidade de adaptação às mais diversas situações levaram-no a buscar soluções novas e racionais para os complexos problemas com que se defrontava. Enquanto a maioria de seus contemporâneos limitava-se a combater, segundo as rígidas táticas em vigor, CAXIAS, antecipando-se de um século aos seus coevos e guiado por genial intuição ou por um bom senso extraordinário, **percebeu as dimensões políticas, econômicas e psicossociais dos conflitos e os seus reflexos sobre a conduta da guerra.** Por isso, adotou uma série de medidas e providências inusitadas para a sua época mas que atualmente constituem rotina e estão incorporadas aos tratados de Guerra Moderna.

A **Ação Cívico-Social** (ACISO) foi largamente empregada pelo Patrono do Exército. No **Maranhão,** Caxias dinamizou o serviço de correios, organizou o mapa da Província, abriu o canal Mojó, promoveu a navegação do Mearim e Itapecuru, mandou reparar praças e igrejas, restaurou o Liceu Maranhense, instituiu prêmios para os melhores alunos, fundou uma colônia para índios e criou fazendas de lavouras para colonos. A sua atuação foi tão notável que Brígido Tinoco, um dos seus biógrafos, declarou: **"Seu Governo, de pouco mais de um ano, talvez tenha sido o mais fecundo de todos os tempos, nas terras do Maranhão".** No **Rio Grande do Sul,** as ACISOS foram também utilizadas em grande escala por **Caxias:** restabeleceu o comércio do interior da província com Porto Alegre e com o Rio de Janeiro, combateu o contrabando com rigor, restabeleceu as finanças, melhorou o canal de São Gonçalo, tornou navegáveis os rios Jacuí e Vacacaí, para atenuar a situação de penúria nas áreas conflagradas, forneceu alimentação às pessoas pobres e determinou que os uniformes da tropa fossem confeccionados pelas mulheres da região, pagando-lhes um preço justo e no momento da entrega.

A **Guerra Psicológica** foi usada por **Caxias,** em inúmeras oportunidades e com perfeito conhecimento de causa. Nos documentos da época, a premeditação quanto ao emprego e aos objetivos a alcançar estão perfeitamente nítidos. O uso deliberado do boato para confundir os adversários, o sábio e oportuno emprego da anistia, o elevado moral de sua

tropa, a deserção de chefes de prestígio bandeados para as suas hostes, o desentendimento provocado entre os líderes inimigos, o uso correto da contra-propaganda e a conquista da população para a sua causa são exemplos abundantes do uso adequado da **Guerra Psicológica** por Caxias. Sintetizando o que já foi notado por vários autores, Afonso de Carvalho afirmou com muita propriedade: **"Caxias joga sempre com o conhecimento psicológico do adversário"**.

Na **Guerra Irregular**, poucos Chefes militares conseguiram um êxito comparável ao de **Caxias**. Embora reconhecendo a validade da tática convencional para esse tipo de guerra, lançou mão da muita imaginação e flexibilidade de raciocínio para adaptá-la a cada situação. Evitou as posições extremas e igualmente inadequadas da adoção rígida e imutável dos princípios convencionais ou a oposta, de imitar por completo as táticas guerrilheiras. De acordo com as circunstâncias, tanto empregou as clássicas colunas de marcha como operações de combate típicas da contra-guerrilha.



O balão de observação da Guerra do Paraguai em frente às fortificações de Humaitá — 25 de setembro de 1867.

A **guerrilha contra guerrilha** foi utilizada por **Caxias** no Maranhão como no Rio Grande do Sul. Concedeu indulto a milhares de rebeldes e incorporou os melhores às suas forças, muitas vezes sob o comando de seus antigos chefes, para combater os comparsas da véspera. Um exemplo típico, do que hoje denominamos de **Forças Especiais**, é encontrado na parte em que o Major Feliciano Antônio Falcão comunica a Caxias que, ao **"Capitão de Guerrilhas"** Domiciano José Alves "se devem os resultados que menciono, pelo perfeito desempenho que deu às minhas ordens".





A **Observação Aérea**, para fins militares, foi empregada pela primeira vez, na América, por Caxias, em 8 de julho de 1867, na região de Tuiuti. As diversas ascensões dos balões cativos de observação, mandados construir por Caxias no Rio de Janeiro para esse fim, forneceram uma série de informações importantes sobre a área de operações. Os reconhecimentos mostraram a viabilidade do desdobramento dos pantanais do Estero Belaco e Niembecu e muito contribuíram para o êxito da Manobra de Humaitá.

O Duque de Caxias foi também um pioneiro na aplicação das **Leis da Guerra**. Embora essas somente tenham sido codificadas, a partir da Convenção de Genebra de 22 de agosto de 1864, as ordens do dia, proclamações, instruções e recomendações, baixadas muito antes, por Caxias, constituem um verdadeiro Código, enfeixando as leis de guerra, como as entendemos hoje. O seu caráter perfeitamente formado, a sua profunda convicção cristã, o seu elevado humanismo e o seu espírito de ordem e da disciplina fizeram com que CAXIAS não admitisse, em hipótese alguma e sob nenhum pretexto, qualquer excesso contra a propriedade ou a pessoa de civis indefesos ou abusos contra prisioneiros de guerra. Em uma Ordem do Dia, da campanha de 1851, sintetizou o seu pensamento sobre o assunto: "A verdadeira bravura do soldado é nobre, generosa, e respeitadora dos princípios de humanidade. O que, por desgraça, violar a propriedade de quem quer que seja, será considerado indigno de pertencer às fileiras do Exército, assassino da honra e da reputação nacional e, como tal, será severa e inexoravelmente punido".

A **Manobra do Cerco** é outro processo moderno de combate cuja primazia pertence ao Duque de Caxias. Na Revolução Farroupilha, ao adotar as táticas das guerrilhas, lançou mão simultaneamente do Cerco e da Perseguição. Na Guerra da Tríplice Aliança, evoluiu para as marchas de flanco e Cerco, sem perseguição, de que a Manobra do Piquiciri **é o único exemplo encontrado na História Militar**. Essa manobra, que incluiu a Marcha de Flanco até Santo Antônio e as batalhas da "Dezembrada", culminou com o Cerco das forças adversárias em Lomas Valentinas, sem ter havido perseguição nas fases anteriores da operação. A **Manobra de Cerco** foi muito utilizada na 2.ª Guerra Mundial, nos TO russo e da África do Norte, querendo os soviéticos reivindicar a primazia de seu emprego.

Na campanha do Paraguai, a preocupação de CAXIAS com o moral da tropa e com o estado disciplinar das unidades levou-o a organizar uma Chefia de Polícia, ao comando de um Tenente-Coronel, com atribuições semelhantes às desenvolvidas hoje pela **Polícia do Exército**.

Ao assumir o cargo de Ministro do Exército em 1855, pela primeira vez, CAXIAS sentiu a necessidade de um órgão técnico de assessoramento, imune às interferências políticas e que assegurasse a continuidade dos programas, a unidade de doutrina e de ação do Exército. Para preencher essa lacuna, criou a Ajudância Geral do Exército, órgão que seria o embrião do atual **Estado-Maior do Exército**.

1º Batalhão Ferroviário Constrói Plataforma Pantográfica







Uma Plataforma Pantográfica foi totalmente idealizada e fabricada pelo 1.º Batalhão Ferroviário, (Lages — SC), para emprego nos serviços em túneis. O equipamento é muito útil na perfuração de túneis e gunitagem do concreto, onde o Batalhão tem alcançado grandes vantagens, pois dispensa outros recursos (escadas, cavaletes e o banco característico nas galerias dos túneis), sendo o serviço atacado em seção plena.

A Plataforma Pantográfica tem a vantagem de reduzir o tempo de perfuração; todo o material de perfuração faz parte e acompanha o equipamento, como marteletes, lubrificadores de linha, distribuidores de ar para os avanços pneumáticos e distribuidores de água para os marteletes. Permite trabalhar com 3 equipes de perfuração e uma de gunitagem, sendo de fácil recolhimento e oferecendo condições de trabalho em alturas variadas.

A Plataforma Pantográfica, idealizada e fabricada por uma equipe do 1.º Batalhão Ferroviário, chefiada pelo 2.º Ten. QOE Balduino Deolindo e composta por mais quatro artífices profissionais, foi construída totalmente em chapas e perfis de aço, toda desmontável e de fácil remoção ou troca de peças. A primeira unidade, em serviço há mais de um ano, não exigiu nenhum reparo. Possui duas instalações elétricas, de 12 e 220 volts: a primeira serve para sinalização e trânsito do veículo e a segunda para a iluminação da caixa de trabalho, recebendo energia por uma tomada externa em rede fixa. Para evitar acidentes, durante o funcionamento, as plataformas possuem freios automóveis na estrutura superior.

O custo de uma plataforma, para o Batalhão, é de cerca de Cr$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros). A elevação hidráulica torna-se de fácil comando, que é feito pelo próprio motorista da viatura. Esta plataforma foi construída em apenas 27 dias de trabalho, sendo que o 1.º Btl Fv economizou, em sua fabricação, aproximadamente Cr$ 30.000,00.

O Batalhão possui duas unidades em plena operação, sendo que a segunda sofreu algumas modificações, que vieram melhorar o seu funcionamento, proporcionando melhores condições de trabalho e mais segurança aos operários. Possui ainda duas unidades em fase de montagem.

O 1.º Batalhão Ferroviário, além de fabricar as plataformas, contribuiu recentemente, com subsídios e orientação técnica, para que o seu co-irmão, o 2.º Batalhão Ferroviário, (Araguari — MG), pudesse utilizar esta técnica, construindo também suas plataformas pantográficas.